HERMANN GUNKEL

LENDAS DO GÊNESIS

AMOSTRA

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Abreviaturas

Além das abreviações facilmente compreensíveis dos nomes dos livros bíblicos e outras abreviações universalmente utilizadas como:

- LXX (Septuaginta)
- Peš (Peshitta)
- Onk (Targum de Onquelos)

Observa-se ainda:

- KAT = Keilinschriften und das A.T. de Schrader, 2ª ed., 1883.
- HW = Handwörterbuch des biblischen Altertums de Riehm.
- KB = Keilinschriftliche Bibliothek de Schrader e outros.
- ThT = Theologisch Tijdschrift.
- ZA = Zeitschrift für Assyriologie.
- ZAW = Zeitschrift für alttestamentliche Wissenschaft.
- § = remete à Gramática Hebraica de Kautzsch, 26ª ed.
- Budde = Urgeschichte de Budde.
- Ed. Meyer 1 = Geschichte des Altertums I de Ed. Meyer.
- Roscher Lex. = Roscher, Lexikon der griechischen und römischen Mythologie.

AMOSTRA

SUMÁRIO

Apresentação à Edição Brasileira 1

O Gênesis é uma coletânea de sagas 17

Tipos de sagas do Gênesis 31

Forma artística das sagas do Gênesis 57

História da transmissão das sagas do Gênesis na tradição oral 103

Javista, Eloísta, Jeovista: as coleções mais antigas 135

O Códice Sacerdotal e as redações finais 159

GLOSSÁRIO 177

BIBLIOGRAFIA 191

Obras de Gunkel comentadas

AMOSTRA

Apresentação à edição brasileira



Hermann Gunkel nasceu em Springe, na Baixa Saxônia, Alemanha, em 23 de maio de 1862, e faleceu em Halle an der Saale em 11 de março de 1932. Sua formação teológica e humanística o posiciona como um dos principais representantes da exegese protestante acadêmica do final do século XIX e início do século XX. Estudou nas universidades de Göttingen, Giessen e Halle, destacando-se por sua erudição filológica, seu envolvimento com as correntes emergentes da crítica histórica e sua sensibilidade aos desenvolvimentos da história das religiões. Entre seus mestres e interlocutores estavam proeminentes nomes da teologia protestante liberal, como Albrecht Ritschl (1870–1874) e Julius Wellhausen (1883), com quem manteria, contudo, uma relação ambígua e crítica.

Após sua habilitação em 1888 com um estudo sobre o Espírito Santo segundo o apóstolo Paulo (Die Wirkungen des Heiligen Geistes nach der populären Anschauung der apostolischen Zeit und nach der Lehre des Apostels Paulus), Gunkel lecionou sucessivamente em Halle, Berlim e Giessen, alcançando notoriedade como exegeta e teórico. A

partir da década de 1890, sua atenção voltou-se decisivamente para o Antigo Testamento, culminando na publicação de obras que se tornaram marcos na crítica bíblica: Schöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit (1895), Genesis (1901/1910), e mais tarde Die Psalmen (1903/1926), todas reconhecidas como expressões maduras daquilo que ele chamaria de "método da história das formas".

Gunkel é amplamente considerado o fundador da Formgeschichte, ou crítica das formas, uma abordagem que busca identificar os gêneros literários das unidades textuais (como sagas, bênçãos, hinos, lamentos, oráculos) e reconstruir seu contexto originário de uso — o chamado Sitz im Leben. Essa concepção revolucionou a exegese ao deslocar o foco da crítica das fontes para a função e origem dos textos em suas formas pré-literárias e litúrgico-sociais.

Ao lado de Wilhelm Bousset, Johannes Weiss, e mais tarde Rudolf Bultmann, Gunkel pertenceu à chamada Religionsgeschichtliche Schule, ou Escola da História das Religiões, que defendia a análise dos textos bíblicos à luz do desenvolvimento histórico das tradições religiosas do Antigo Oriente Próximo. Sua atuação editorial também foi marcante: participou da fundação da coleção Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments, onde colaborou na formação de uma geração de pesquisadores e exerceu influência decisiva sobre a teologia sistemática e a exegese crítica do século XX.

Embora sua obra tenha recebido críticas posteriores, especialmente em relação a sua hipótese do Chaoskampf e à tendência de buscar modelos arquetípicos excessivamente unificadores, sua contribuição metodológica continua insuperável em importância. Hermann Gunkel permanece como figura inaugural da leitura bíblica que respeita os aspectos poéticos, históricos, simbólicos e religiosos dos textos, reconhecendo neles não apenas fontes de doutrina, mas expressões vitais da religiosidade de comunidades vivas e complexas.

O pensamento exegético de Hermann Gunkel assenta-se sobre uma reorientação metodológica decisiva na virada do século XIX para o século XX. Contra as limitações da crítica das fontes — que se ocupava majoritariamente com a decomposição dos textos bíblicos em documentos hipotéticos (J, E, D, P, etc.) — Gunkel propôs uma nova forma de abordagem, voltada para a forma, função e origem vivencial das pequenas unidades literárias. Essa virada teórica não foi apenas um deslocamento técnico, mas uma renovação hermenêutica, que exigia ver o texto bíblico como produto vivo de comunidades, com raízes no culto, na narrativa oral e na imaginação popular.

O núcleo do pensamento gunkeliano pode ser sintetizado em torno de cinco eixos:

AMOSTRA

Eixo 1: Crítica das formas (Formgeschichte) como método

Para Gunkel, os textos bíblicos — especialmente os do Pentateuco e dos Salmos — não surgiram como composições contínuas, mas são o resultado da coleta e organização de formas orais pré-literárias. Cada uma dessas formas, ou Gattungen, possui características estilísticas e estruturais próprias, além de uma função social definida. Assim, o comentário exegético deveria começar não pela decomposição documental, mas pela identificação do gênero da unidade textual: um hino, um lamento, uma bênção, uma saga etiológica, etc. Este tipo de abordagem implica atenção à estética, à estrutura interna e ao vocabulário típico, bem como à repetição de fórmulas.

Eixo 2: O conceito de Sitz im Leben

Talvez a mais duradoura de suas contribuições, o conceito de Sitz im Leben (contexto vital) refere-se ao contexto sociocultural, litúrgico ou ritual no qual uma forma textual teve sua origem. Por exemplo, um oráculo de julgamento teria seu lugar na assembleia profética; um hino de vitória, no culto do templo; uma saga patriarcal, na instrução tribal ou familiar. Para Gunkel, compreender o Sitz im Leben é compreender o motivo pelo qual uma forma textual foi criada, conservada e transmitida. Isso significa, em última instância, devolver o texto à vida histórica da comunidade que o gerou.

Eixo 3: A distinção entre história e saga

Em sua leitura de Gênesis, Gunkel insiste que os relatos patriarcais não devem ser tomados como historiografia no sentido moderno, mas como sagas populares — isto é, narrativas orais que entrelaçam memória, fé e fantasia. A saga não mente, mas também não relata fatos brutos: ela representa poeticamente experiências e convicções do povo. Assim, narrativas como a de Jacó e Esaú, ou de Abraão e Sara, não visam a reconstruir o passado empírico, mas a expressar verdades religiosas, origens étnicas e relações políticas simbolizadas.

AMOSTRA

Eixo 4: A estética da religiosidade popular

Gunkel valoriza a forma literária como expressão da alma do povo. Ele vê nas narrativas bíblicas — sobretudo no Gênesis — uma arte narrativa refinada, feita de simetrias, repetições, inversões e imagens vívidas. Tal sensibilidade estética não está separada da fé: ela é seu veículo. Isso implica reconhecer na Bíblia não apenas um conjunto de normas e doutrinas, mas um patrimônio literário onde a religião se faz sensível, narrativa e dramática.

Eixo 5: A relação com os mitos do Antigo Oriente

Gunkel compreende que o Israel antigo não viveu isolado, mas imerso em uma matriz cultural semítica mais ampla. Por isso, propôs que várias formas e motivos do Antigo Testamento — como o combate entre Deus e o caos primordial (Rahab, Leviatã), ou a estrutura das narrativas de criação — refletem ecos de mitos babilônicos, cananeus ou egípcios. Sua obra Schöpfung und Chaos (1895) examina precisamente esse tema, sugerindo que o relato de Gênesis 1 se insere numa tradição cosmogônica mais vasta, embora tenha sido teologicamente reelaborado.

Com essas ideias, Gunkel estabeleceu uma gramática exegética que se tornou canônica. Ao invés de considerar os textos bíblicos como criações autorais fechadas, ele os leu como tessituras coletivas, dinâmicas, enraizadas no culto e na oralidade. Sua proposta influenciou decisivamente os estudos sobre os Salmos, os Profetas, o Pentateuco e os Evangelhos — e mesmo quando criticada ou modificada, segue sendo o ponto de partida inevitável para qualquer abordagem histórico-literária da Escritura.

AMOSTRA

Sobre a obra Genesis, e a Introdução utilizada nesta obra

A obra Genesis de Hermann Gunkel, publicada originalmente em 1901 e revista em 1910, representa uma das aplicações mais abrangentes e sistemáticas do método da crítica das formas ao texto bíblico. Trata-se de um comentário não convencional, pois não se estrutura apenas como uma exposição filológica dos versículos, mas como uma investigação literária, religiosa, estética e histórica sobre a origem das narrativas patriarcais e sua inserção no imaginário religioso do antigo Israel. Esse comentário marca a transição de Gunkel para o que se poderia chamar de um "período literário" em sua obra, no qual

ele já havia amadurecido sua distinção entre mito, saga, história e lenda, aplicando-a com método e sensibilidade às tradições do livro do Gênesis.

O título completo da obra em alemão, Genesis, übersetzt und erklärt, já revela sua proposta: uma tradução anotada e comentada que não apenas interpreta o texto, mas também o explica à luz de sua forma original e de seus paralelos nas literaturas do Antigo Oriente Próximo. Não se trata de defender a veracidade histórica do conteúdo, mas de compreender sua lógica interna e sua função religiosa e comunitária. Para isso, Gunkel assume que o Gênesis não é produto de um único autor, nem mesmo de uma escola literária coesa, mas sim uma antologia de narrativas transmitidas oralmente e depois recolhidas por redatores em diferentes épocas e com diferentes intenções.

A ênfase do comentário está nas Sagen — as sagas — que, segundo Gunkel, compõem a substância narrativa do Gênesis. Ele as agrupa em unidades relativamente autônomas, busca determinar sua forma literária original, propõe sua possível origem social e analisa sua teologia subjacente. O método consiste em:

- Identificar e delimitar as unidades narrativas básicas.
- Classificá-las segundo seu gênero: etiologias, contos de origem tribal, lendas locais, narrativas religiosas, contos edificantes, etc.
- Estudar seu Sitz im Leben, ou seja, seu contexto de uso: festas, ritos, cultos locais, tradições familiares, disputas tribais.
- Compará-las com outras tradições do Oriente Próximo, para identificar paralelos culturais e religiosas.
- Investigar sua estética interna: estrutura, repetições, simetrias, ritmo narrativo, fórmulas de abertura e encerramento.
- Avaliar sua reinterpretação por redatores posteriores, especialmente à luz de desenvolvimentos teológicos.

Essa abordagem faz com que o comentário de Gunkel seja, ao mesmo tempo, uma história literária e uma arqueologia das formas religiosas. Ele se distancia do comentário apologético e do modelo confessional, buscando compreender o Gênesis como produto da cultura popular israelita, profundamente enraizado em tradições anteriores à monarquia e ao monoteísmo profético.

AMOSTRA

Um dos maiores méritos do comentário está na capacidade de Gunkel em integrar análise literária e sensibilidade religiosa. Ele não desdenha o valor teológico das narrativas — pelo contrário, enxerga nas sagas patriarcais a expressão de uma fé vital, vivida, que resiste ao tempo por meio da narrativa. Mesmo ao apontar suas origens míticas, sua provável relação com modelos babilônicos ou semitas ocidentais, Gunkel reconhece que essas narrativas foram retrabalhadas por Israel com um espírito ético, sapiencial e teológico singular.

Em termos teóricos, sua proposta não é apenas exegética, mas hermenêutica: ao ler o Gênesis como uma coletânea de formas narrativas pré-literárias, Gunkel abre caminho para a compreensão da Bíblia como uma tradição viva, multiforme e em constante desenvolvimento. Isso o distancia do racionalismo historicista de parte da crítica protestante do século XIX e o aproxima de uma visão mais cultural e antropológica da religião.

Vale notar que o comentário de Gunkel ao Gênesis tornou-se um marco não apenas pela força de suas interpretações individuais, mas pela coerência de seu projeto exegético. Ele demonstra que é possível fazer crítica histórica com reverência ao texto, e teologia com consciência crítica. A influência dessa obra será retomada por seus discípulos — como Hugo Gressmann (1921), Martin Noth (1957) e Gerhard von Rad (1957-1960) — e sua metodologia ainda é reconhecida como fundacional na exegese bíblica contemporânea.

A introdução de Hermann Gunkel ao seu comentário do Gênesis — texto que apresentamos aqui, traduzido diretamente do alemão — não é um mero preâmbulo explicativo, mas sim um programa exegético completo, que orienta e fundamenta toda a leitura posterior do comentário. Trata-se de um ensaio denso, argumentativo, crítico e metodologicamente sofisticado, no qual Gunkel confronta diretamente os pressupostos vigentes da teologia histórica do século XIX, reposiciona a função da exegese, e propõe uma nova categorização das narrativas do Gênesis a partir do conceito de saga.

Essa introdução pode ser lida, com justiça, como o manifesto inaugural da crítica das formas aplicada ao Pentateuco. Em vez de iniciar com discussões técnicas ou filológicas, Gunkel propõe uma pergunta essencial: "As narrativas do Gênesis são história ou saga?" Essa interrogação, aparentemente simples, carrega uma reorientação metodológica radical. Segundo ele, enquanto a historiografia pressupõe instituições estatais, desenvolvimento da escrita e um *ethos* de objetividade, as sagas derivam de uma tradição oral popular, cujos objetivos são religiosos, simbólicos e identitários — não factuais.

AMOSTRA

Lendas em Gênesis: destaques na Introdução de Gunkel

Gunkel, na introdução de seu comentário a Gênesis, lamenta que a tradição hermenêutica cristã — inclusive no Novo Testamento — tenha interpretado as narrativas do Gênesis como relatos históricos literais. Contra essa leitura, ele estabelece que a tradição israelita, mesmo quando já conhecia formas de historiografia (como atestado nas narrativas da corte davídica), manteve viva a tradição da saga como um modo próprio de transmitir memória, identidade e fé. Assim, o Gênesis pertence, do ponto de vista literário e religioso, não à história propriamente dita, mas ao domínio da dichtung, da poesia popular.

Essa afirmação tem consequências metodológicas e teológicas relevantes. Para Gunkel, não se trata de negar o valor do texto bíblico, mas de reconhecê-lo segundo a sua natureza original. Ele insiste que a saga não é "mentira" nem "ficção vazia", mas um modo legítimo de preservar tradições ancestrais e de expressar o relacionamento do povo com Deus.

A introdução alinha uma série de evidências internas que atestam a natureza não-histórica das narrativas patriarcais:

- A menção frequente de expressões como “até o dia de hoje” (26,33), que indicam longa distância entre o narrador e os acontecimentos;
- A presença de anacronismos evidentes, como a referência a reis de Edom que só surgiriam na época de Davi (36,31s);
- A explicitação de eventos íntimos, privados ou improváveis de serem transmitidos com fidelidade por tradição oral (como diálogos entre Deus e personagens ou cenas domésticas insignificantes do ponto de vista político).

Mais ainda, Gunkel explora os limites da oralidade tradicional: como seria possível preservar, por séculos, detalhes de episódios familiares sem qualquer documentação escrita? Como explicar que se conservem minúcias sobre a vida de Jacó ou Raquel, mas nenhuma tradição substancial sobre os 400 anos no Egito?

Outro argumento relevante de Gunkel é que a história se ocupa de grandes eventos públicos — guerras, reinados, tratados — enquanto as sagas tratam do cotidiano, das relações familiares, dos conflitos domésticos. Isso está presente em Gênesis em abundância: poços, ciúmes entre irmãs, heranças, bênçãos e brigas. São narrativas que nasceram de preocupações tribais, locais, familiares — e que se prestam mais à preservação de identidade do que à crônica de eventos.

AMOSTRA

Gunkel propõe ainda um exame do estilo: as repetições, os paralelismos, os motivos recorrentes, as estruturas simétricas — tudo isso aponta para uma origem oral. A linguagem é simples, direta, marcada por fórmulas fixas e por estruturação típica de narrativas populares. Ele mostra como esses elementos se repetem com variações significativas, evidência de uma tradição viva, flexível, anterior à fixação textual.

Há na obra o reconhecimento de que muitos leitores hesitam em reconhecer o Gênesis como composto de "sagas" por temor de aproximá-lo de tradições míticas pagãs. Contra isso, ele argumenta que a religião israelita, embora ética e espiritual, soube acolher e ressignificar elementos poéticos do imaginário religioso comum do Antigo Oriente. Isso não diminui o valor do Gênesis, mas o enriquece, pois revela o uso consciente de formas narrativas para expressar a fé em Yahweh.

Ao longo de sua introdução, Gunkel prepara o leitor para ler o Gênesis não com os olhos da crítica racionalista nem com o dogmatismo tradicional, mas com a sensibilidade da estética, da história das religiões e da psicologia coletiva. Ele convida a compreender o Gênesis como um repositório simbólico da fé vivida do povo hebreu — suas memórias, suas origens, suas tensões com os povos vizinhos, sua crença na providência divina. Essa introdução, portanto, não apenas justifica o método do comentário subsequente, mas também desafia todo leitor a reavaliar suas categorias hermenêuticas diante do texto bíblico. Trata-se de uma abertura crítica, rigorosa e, ao mesmo tempo, reverente, que redefine o horizonte de leitura não só de Gênesis, mas de toda a Escritura.

AMOSTRA

Os eixos conceituais do comentário de Gunkel ao Gênesis

A obra Genesis de Hermann Gunkel é mais do que um comentário bíblico: trata-se de uma reconstrução crítica das formas narrativas primordiais que compõem o primeiro livro da Bíblia, inserida num esforço mais amplo de interpretação histórico-religiosa das Escrituras. Seu objetivo não é oferecer uma leitura devocional, nem sequer uma exegese tradicional, mas compreender, em profundidade, como se formaram, foram transmitidas e reinterpretadas as narrativas patriarcais, e de que modo elas expressam, em forma de saga, a religiosidade do antigo Israel.

A seguir, sintetizo os principais eixos conceituais que atravessam a obra:

O Gênesis como antologia de sagas populares

Gunkel propõe que o Gênesis é composto por uma série de unidades narrativas curtas — sagas — oriundas da tradição oral popular. Estas não foram criadas como partes de um livro teológico sistemático, mas nasceram de contextos vitais diversos: famílias, tribos, santuários locais. O livro atual é fruto da compilação e da teologização posterior dessas unidades independentes.

A "saga" (Sage), na definição de Gunkel, é um tipo de narrativa que tem uma base histórica remota, mas é elaborada de forma poética, simbólica e simplificada, com liberdade imaginativa. Ela serve para expressar valores religiosos, preservar a memória de fundadores tribais, explicar nomes, costumes e locais. Como tal, sua função é mais identitária e teológica do que cronística ou documental.

Classificação formal e tipológica das narrativas

Gunkel realiza uma categorização das formas de saga presentes em Gênesis. Ele identifica diversos subtipos, cada um com características literárias e funções específicas:

- Sagas etiológicas: explicam a origem de nomes, costumes, monumentos, locais sagrados (por exemplo, Gn 28,10–22; a escada de Jacó e Betel).
- Sagas étnicas: narram a origem ou o destino de povos vizinhos (Esaú/Edom, Moabe, Amon).
- Sagas cultuais: associadas a práticas religiosas, como sacrifícios e alianças (Gn 22; o sacrifício de Isaac).
- Sagas de promessa: destacam a eleição e a bênção dos patriarcas (Gn 12; a vocação de Abraão).
- Sagas de conflito familiar: enfocam rivalidades, enganos e reconciliações (Jacó e Esaú, José e seus irmãos).
- Sagas de herói popular: como as de José, com tramas mais longas e elaboradas.

Gunkel valoriza a diversidade dessas formas e insiste que elas refletem a pluralidade de experiências e tradições que circulavam antes da redação final do livro.

AMOSTRA

A oralidade como matriz de composição

Um elemento central na leitura de Gunkel é sua percepção aguda da origem oral das narrativas. As repetições, os paralelismos, a presença de fórmulas típicas, a estrutura episódica — tudo aponta para um mundo onde as histórias eram contadas de memória, modificadas conforme o público, e repletas de recursos mnemônicos.

Essa ênfase na oralidade leva Gunkel a rejeitar qualquer tentativa de reconstrução histórica literal dos eventos narrados. Para ele, o que o texto conserva é o resíduo simbólico de memórias coletivas moldadas pela fé, e não registros factuais. Trata-se de uma memória interpretada, dramatizada e ritualmente reencenada.

A reinterpretação teológica do material sagístico

Gunkel reconhece que essas sagas não foram transmitidas de modo neutro. Pelo contrário, foram incorporadas por redatores que, com motivações teológicas, organizaram, emolduraram e em certos casos, reescreveram ou interpolaram as narrativas. É o que ele chama de "historiadores sagrados" — os responsáveis por dar coesão ao texto atual de Gênesis.

No entanto, mesmo com esse trabalho redacional, Gunkel argumenta que é possível reconhecer a forma primitiva da narrativa, ou pelo menos os seus contornos, e com isso reconstruir sua função original. Ele vê no Gênesis o resultado de uma tensão fecunda entre memória popular e teologia redacional.

AMOSTRA

As influências do Antigo Oriente Próximo

Na obra, Gunkel propõe também que diversas narrativas de Gênesis são eco de tradições mais antigas e amplas, comuns a outros povos do Oriente Próximo. Ele dedica especial atenção ao paralelismo entre o relato da criação (Gn 1) e o Enuma Elish babilônico, bem como entre o dilúvio bíblico (Gn 6–9) e as tradições mesopotâmicas (como o Épico de Gilgámesh).

Entretanto, para Gunkel, a dependência não é servil. Israel reelabora essas tradições com uma perspectiva própria: suprime o politeísmo, exalta a palavra criadora de Deus, e transforma mitos cósmicos em narrativas de aliança, responsabilidade e fé monoteísta. Essa reinterpretação teológica é, para ele, o traço distintivo da literatura bíblica.

A função pedagógica e religiosa das narrativas

Por fim, Gunkel insiste que as sagas não são literatura por literatura, mas servem para formar a consciência do povo. Elas educam na fé, modelam comportamentos, fortalecem a identidade coletiva. São o espelho simbólico em que Israel se vê como povo eleito, peregrino, frágil e sustentado pela graça de Yahweh.

Essa função catequética e pastoral confere às narrativas um valor que transcende sua origem. Mesmo compostas com elementos arcaicos, elas são continuamente reatualizadas, interpretadas e ressignificadas pelas gerações posteriores — como o próprio Gunkel faz, em seu gesto científico-reverente.

Apesar de seu pioneirismo inconteste, a obra de Hermann Gunkel — e, em especial, sua aplicação da crítica das formas ao Gênesis — foi submetida, ao longo do século XX e início do XXI, a críticas substanciais, tanto em relação a seus pressupostos metodológicos quanto aos alcances de suas interpretações. Essas críticas não anulam sua importância fundacional, mas apontam os limites de uma abordagem que, embora inovadora em seu tempo, não escapou de certos anacronismos, esquematismos e excessos comparativos.

AMOSTRA

Os debates em torno das concepções de Gunkel

Em Schöpfung und Chaos, Gunkel propôs que Gênesis 1 conservava traços latentes de um mito cosmogônico comum ao Oriente Próximo, baseado na luta entre Deus e o caos personificado (Rahab, Leviatã, Tiamat). Essa hipótese influenciou decisivamente os estudos posteriores sobre mitologia comparada e cosmogonia bíblica. No entanto, como demonstram JoAnn Scurlock e Richard Beal na obra Creation and Chaos (2013), Gunkel superestimou a presença desse padrão mitológico específico em textos que, ao contrário, operam com lógicas teológicas distintas (Scurlock 2013, p. ix–xii).

Scurlock acusa Gunkel de ter construído, ele mesmo, um "mito exegético" — projetando sobre o texto bíblico uma estrutura mitológica coerente que não está ali de forma explícita, nem tampouco é necessária para compreendê-lo. O Gênesis, diz ela, não descreve uma batalha prévia à criação, mas uma ordenação pacífica do cosmos por meio da palavra divina — sem combate, sem monstros, sem drama.

Além disso, Gunkel teria minimizado a distância entre os contextos culturais e teológicos dos textos babilônicos e israelitas, tratando tradições distintas como se fossem man-